

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
GOIANO CAMPUS MORRINHOS  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RÚBIA GRAZIELA MARQUES SANTANA

A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL E O CANTINHO DA LEITURA

MORRINHOS – GO  
2017

RÚBIA GRAZIELA MARQUES SANTANA

A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL E O CANTINHO DA LEITURA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano Campus Morrinhos como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Elias Borges.

Coorientação: Prof. Dr. Sidney de Souza Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/IF Goiano Campus Morrinhos**

S231f Santana, Rubia Graziela Marques.

A Formação de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental e o cantinho da leitura. – Morrinhos, GO: IF Goiano, 2017.

53 f.

Orientador: Dr. Ronaldo Elias Borges.

Coorientador: Sidney de Souza Silva

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal Goiano Campus Morrinhos, Licenciatura em Pedagogia, 2017.

1. Literatura. 2. Infantil. 3. Docente I. Borges, Ronaldo Elias. II. Instituto Federal Goiano. Curso de Licenciatura em Pedagogia. III. Título

CDU 37.032:

RÚBIA GRAZIELA MARQUES SANTANA

A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL E O CANTINHO DA LEITURA

Monografia defendida no Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos, para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, aprovada em 21 de dezembro de 2017, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Ronaldo Elias Borges – IF Goiano – Campus Morrinhos  
Presidente da Banca

---

Prof. <sup>a</sup> Dra. Thelma Maria Moura Bergamo – IF Goiano – Campus Morrinhos  
Membro

---

Prof. <sup>a</sup> Ma. Ilma Célia de Paiva Moura – IF Goiano – Campus Morrinhos  
Membro

## **DEDICATÓRIA**

Ao e meu pai por todo seu amor, dedicação e acolhida. Pai, você sempre me ensinou a ser uma pessoa batalhadora com seu exemplo de caráter, trabalho e humildade. Obrigada por nunca desistir e sempre acreditar na minha capacidade.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder vida e saúde.

A todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte dessa empreitada, contribuindo com seus ensinamentos, companheirismo, amizade e tolerância. Fazendo com que cada dia fosse único em minha vida.

Em especial,

Ao meu pai que nunca desistiu de me ensinar a ser uma pessoa batalhadora que luta pelos seus objetivos.

Ao meu filho Rhennan Augusto razão pela qual tenho buscado incansavelmente ser uma pessoa melhor a cada dia.

Ao meu marido César Filho meu grande incentivador e apoiador nos momentos bons e ruins, me dando força e amor nas horas em que mais precisei.

As minhas companheiras de jornada Letícia, Rayane, Sabrina e Thaynara que nunca me deixaram caminhar sozinha, peço a Deus que nossa amizade dure por toda nossa vida.

Ao meu orientador, Pro. Dr. Ronaldo Elias Borges pela confiança dada a mim, pelo carinho, paciência e dedicação durante suas orientações que muito me ensinaram.

A todos meus alunos que diariamente me fazem querer mais.

Amo cada um de vocês!

Obrigada!

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor.

Regina Zilberman

## RESUMO

A formação do hábito de ler, desde a infância, proporciona inúmeros benefícios para o desenvolvimento infantil. Por meio da leitura, é possível formar cidadãos críticos e aptos a exercer plenamente a cidadania. Dentre os vários projetos de incentivo à leitura nas escolas, o “Cantinho da Leitura” tem produzido resultados interessantes. Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como objetivo refletir sobre o papel do Cantinho da Leitura para a formação de leitores nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, utilizaremos como aporte teórico, principalmente, os trabalhos de Abramovich (1993), Cademartori (1987), Claret (2013), Ferrarezi Júnior (2017), Martins (2012), Soares (2014) e Rangel (2009). O trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo apresentado no primeiro o conceito, o ensino e a facilitação da leitura. O segundo capítulo discorre sobre as diretrizes oficiais para a formação de leitores. O terceiro discute o papel do professor na formação de leitores. Finalizando a pesquisa, o quarto capítulo trata do “Cantinho da Leitura” enquanto espaço de formação de leitores em sala de aula. Este estudo evidencia a validade do “Cantinho da Leitura” para a formação de leitores nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

**Palavras-chave:** Leitura. Formação de leitores. Literatura Infantil. Cantinho da leitura.



## ABSTRACT

The formation of the habit of reading, from childhood, provides innumerable benefits for child development. Through reading, it is possible to form citizens who are critical and able to fully exercise citizenship. Among the various projects to encourage reading in schools, the "Reading Corner" have produced interesting results. This bibliographical research aims to reflect on the role of the Reading Corner for the formation of readers in the initial years of Elementary Education. For this, we will use as a theoretical contribution, mainly, the works of Abramovich (1993), Cademartori (1987), Claret (2013), Ferrarezi Júnior (2017), Martins (2012), Soares (2014) and Rangel (2009). The work is divided in four chapters, presenting in the first the concept, the teaching and the facilitation of the reading. The second chapter discusses the official guidelines for the formation of readers. The third discusses the role of the teacher in the training of readers. Finishing the research, the fourth chapter deals with the "Corner of Reading" as a space for the training of readers in the classroom. This study evidences the validity of the "Reading Corner" for the formation of readers in the initial years of Elementary School.

**Keywords:** Reading. Training of readers. Children's literature. Reading corner.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 A LEITURA</b> .....	14
1.1 O conceito .....	15
1.2 O ensino .....	16
1.3 A facilitação .....	21
<b>2 DIRETRIZES OFICIAIS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES</b> .....	26
2.1 O Plano Nacional do Livro e a Leitura – PNLL .....	26
2.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs .....	29
2.3 A Base Comum Curricular – BNCC .....	34
<b>3 A FORMAÇÃO DE LEITORES E A MEDIAÇÃO DOCENTE</b> .....	37
3.1 O professor leitor forma alunos leitores .....	39
<b>4 O CANTINHO DA LEITURA</b> .....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

O Programa Cantinho da Leitura foi um projeto criado pelo governo do Estado de Goiás, no ano de 2000 que, de forma análoga a outros projetos nacionais dessa natureza – Biblioteca Escolar, Biblioteca do Professor, Casa da Leitura, Ciranda de Livros, Viagem da Leitura e o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) – que visam incentivar a leitura e a formação de jovens leitores. Para isso, por meio de estratégias distintas, ocorre a distribuição gratuita de livros infantis e infanto-juvenis para escolas públicas, casas de particulares promotores da leitura, associações de moradores e professores da rede pública de ensino. A premissa é a de que o livro deve estar sempre próximo, à disposição e ao alcance do aluno e acredita-se que políticas dessa natureza serão capazes de atenuar o triste quadro vivido pela educação brasileira no que se refere à leitura em geral e à leitura literária em específico.

Computadores, filmes, jogos, redes sociais, os cultos exagerados à forma física entre outros fatores têm distanciado as pessoas dos livros, de um modo cada vez mais geral. O resultado desse processo é o número cada vez maior de jovens e adultos analfabetos funcionais que apresentam sérias dificuldades em relação à leitura e à interpretação de textos. Essas pessoas acabam incrementando índices nada desejáveis no que diz respeito ao letramento ou ao uso da leitura enquanto práticas sociais (SOARES, 2014). Aliás, diferentemente de anos anteriores, o termo alfabetizado recebeu nova significação e não mais diz respeito àquele capaz de escrever e ler o próprio nome:

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia; não basta aprender a ler e escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com práticas sociais de escrita. (SOARES, 2014, p. 45-46)

Essa constatação obrigou o Estado a tomar medidas e a criar tais projetos de incentivo à leitura. Apesar disso, considerando-se uma década e meia depois do surgimento,

no Estado de Goiás, do projeto Cantinho da Leitura, a realidade escolar não tem demonstrado uma considerável evolução em relação à formação leitora de nossos alunos.

Pelo contrário, uma pesquisa recente revela que o hábito de leitura dos brasileiros passou de 55% para 50% da população entre 2007 e 2011. Pior ainda, mesmo entre as crianças e adolescentes – para quem a leitura é um dever escolar – essa queda é evidente. Segundo Goulart (2015, p. 01):

Em 2011, crianças com idades entre 5 e 10 anos leram 5,4 livros, ante 6,9 registrados no levantamento de 2007. O mesmo ocorreu entre os pré-adolescentes de 11 a 13 anos (6,9 ante 8,5) e entre adolescente de 14 a 17 (5,9 ante 6,6 livros).

Muitos fatores podem ser apontados como responsáveis por tal situação. Conforme Goulart (2015, p. 01)

À frente dos livros, apareceram na sondagem assistir à TV (85% em 2011 vs. 77% em 2007), escutar música ou rádio (52% vs. 54%), descansar (51% vs. 50%), reunir-se com amigos e família (44% vs. 31%), assistir a vídeos/filmes em DVD (38% vs. 29%) e sair com amigos (34% vs. 33%)

Ainda que tais números evidenciem mudanças comportamentais da sociedade e estranhamente não apresentem dados relativos ao uso de aplicativos sociais e internet, a questão da formação de leitores por meio de programas ou projetos de incentivo à leitura permanece. Afinal, por que razão tais programas não atingem os objetivos a que se destinam? Os professores formadores dessas crianças têm conhecimentos teórico-práticos a respeito dos conceitos de letramento e letramento literário? Como são administrados esses cantinhos da leitura e quais são os resultados de sua existência para as crianças que os frequentam? Essas e outras perguntas impulsionam essa pesquisa que parte da hipótese de que apesar de importantes, esses cantinhos da leitura, se existentes, podem estar sendo subaproveitados ou pior ainda estarem sendo utilizados em desacordo com suas finalidades.

Pretende-se, com essa pesquisa, compreender os cantinhos de leitura existentes nas escolas e sua capacidade efetiva de impactar positivamente na formação de leitores nos anos iniciais do Ensino Fundamental, observando como são organizados, utilizados, que público atendem e qual é a visão dos alunos, dos professores e dos gestores a respeito desse espaço de formação.

Para isso, pretende-se investigar diferentes práticas de leituras utilizadas em sala de aula que visem à formação integral de leitores. Para tanto é necessário compreendermos a leitura como um processo interativo que ocorre em diferentes etapas de desenvolvimento da leitura infantil.

Assim nos dedicamos a refletir sobre o processo de formação de leitores dos anos iniciais de forma ampla, analisando diferentes aspectos da leitura como: as diretrizes, o professor como mediador desse processo e as práticas de incentivo à leitura. Dentre essas, examinaremos o “cantinho da leitura” que se apresenta como uma forma lúdica e interativa de introduzir a leitura diária no cotidiano dos estudantes.

Para discutirmos todas essas questões, utilizamos como apoio teórico, fundamentalmente, os textos de Kleiman (2011), Rangel (2009), Martins (2012), Bortoni-Ricardo (2012), que tratam da leitura desde seus conceitos até o modo de ensino contribuindo assim para uma análise aprofundada do papel da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para atingirmos nossos objetivos, dividimos nosso trabalho em quatro capítulos intitulados: “o que é leitura? ”, “Diretrizes oficiais para formação dos leitores”, “a formação dos professores” e, por fim o “cantinho da leitura”.

Nossa proposta é iniciar, no primeiro capítulo conceituando a leitura para conseguirmos compreender ao longo deste trabalho a aquisição da mesma. Desse modo, tentaremos mostrar que a leitura está inserida em nosso cotidiano em diferentes formas e circunstâncias tendo a necessidade de ser promovida diariamente em ambientes escolares ou outros.

O segundo capítulo pretende salientar as principais diretrizes normatizadoras do ensino da leitura nos anos iniciais. Para isso, analisamos as definições, sugestões e orientações que os Parâmetros Curriculares Nacional de Língua Portuguesa (PCNs), o Plano Nacional do Livro e a Leitura (PNLL) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresentam em relação à prática do ensino da leitura em um processo de formação de leitores nessa fase de ensino.

Apresentaremos, no terceiro capítulo, uma leitura do papel do professor na formação de leitores nos anos iniciais, abordando desde sua formação profissional até as práticas pedagógicas utilizadas para a facilitação da leitura em sala de aula, com a criação de ambientes estimuladores de atividades de leitura.

No quarto capítulo, trataremos do Cantinho da leitura, conceituando e apresentando suas características e aspectos que são capazes de estimular a imaginação da criança, estabelecendo assim uma aproximação com a leitura, por meio do acesso aos livros de histórias infantis, cuidadosamente dispostos em ambientes destinados ao prazer de ler.

Enfim, o presente trabalho projeta uma reflexão a respeito de quatro peculiaridades fundamentais para a formação de leitores nos anos iniciais, caracterizando a escola como o melhor espaço para provocar uma mudança em toda uma sociedade iletrada por meio do potencial mágico que a literatura infantil possui.

## 1. A LEITURA

De um modo geral, a compreensão desse termo está associada ao processo de decodificação da linguagem escrita ou das letras do alfabeto. A afirmação de Silva (2009) ilustra duas acepções muito comuns:

Quando se pensa em leitura, vem à mente a “capacidade de” ou “aptidão para” decodificar letras, palavras e/ou frases que constituem um texto escrito e, num segundo momento, pronunciá-las corretamente de acordo com a norma padrão da Língua Portuguesa. (p. 141)

Contudo, graças aos vários estudos já desenvolvidos nessa área do saber humano, hodiernamente têm-se uma compreensão mais ampla desse complexo processo cognitivo e sabe-se que a leitura acontece antes mesmo de conhecermos as letras que cercam nosso cotidiano. Afinal, conforme afirma Freire (1989, p.09) “[...] a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.”

Tal continuidade pode ser percebida quando, por exemplo, saímos de casa para fazer alguma atividade diariamente, durante todo o trajeto que percorremos todos os nossos movimentos são reflexos naturais da leitura que fazemos desses ambientes que nos cercam. Por exemplo, ao avistarmos um veículo parado e visualizamos seu condutor esboçando qualquer reação, também fazemos a leitura dessa situação por meio da expressão facial daquele sujeito (preocupação, raiva, desânimo entre outros).

Iniciemos nossa análise pelo termo “leitura”. Consultados os dicionários mais conhecidos e utilizados em nosso país (Aurélio, Houaiss, Michaelis), encontramos cinco acepções para esse verbete: o ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; conjunto de conhecimentos adquiridos ou de leituras já realizadas; a maneira de interpretar informações e o registro de mediação feito por instrumento.

Deixando de lado as definições apresentadas pelos dicionários e que acabam sendo incorporadas pela grande maioria das pessoas como significado real do termo, para que reflitamos com a propriedade adequada sobre a questão, precisamos investigar os conceitos de leitura apresentados por especialistas da questão.

## 1.1 O conceito

Kleiman (2011) descreve a leitura uma como um processo complexo que acontece em diferentes etapas e formas para diferentes grupos de leitores. Para autora, a leitura é uma habilidade que se desenvolve nos seres humanos ao longo do tempo. Segundo ela, trata-se de um processo paulatino desenvolvido ao longo da vida. Nele, quanto mais o sujeito aprimora tal habilidade, maior é sua eficiência enquanto leitor.

Se considerarmos a leitura como um meio de comunicação, podemos então compreendê-la enquanto ato interativo que envolve diferentes habilidades cognitivas. Naturalmente, a leitura ultrapassa o texto escrito, ela proporciona a compreensão de diferentes situações, partindo das experiências que o leitor traz em sua memória.

A leitura está presente em nossa vida a todo instante, assim, temos acesso a diferentes tipos de textos e uma constatação importante é a de que as pessoas apresentam compreensões diferentes a respeito de um mesmo texto. Isso se explica, em grande parte, em razão do fato de que cada leitor traz um conjunto único de informações em sua memória que o habilita ou não a compreender com eficiência as informações veiculadas pelo texto. Leffa (1996) denomina esse conjunto de informações de “série de habilidades de alta sofisticação”. Para o autor, ler é um fenômeno

que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir um outro segmento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros sub processos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto. (LEFFA, 1996. p.24)

A leitura, ainda que seja uma atividade corriqueira em nossas vidas, não deixa de ser uma habilidade pouco desenvolvida em nossa sociedade. Verifica-se, cada vez mais, o crescimento de leitores decodificadores de sinais, ainda incapazes de fazer o uso social dessa habilidade.

Nesse sentido, Martins (2012, p.22) destaca a discrepância entre o conceito e a aprendizagem da leitura em nossa sociedade. Segundo a autora, “[...] se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações sociais, política, econômica e cultural. ”



A partir dessa compreensão de leitura, é preciso destacar sua importância para a formação de um indivíduo em seus vários aspectos: humano, social, cultural, científico, político, religioso etc. Afinal, é por meio dela que apreendemos o mundo que nos cerca em toda a riqueza de significação. Ela não se limita a palavras, mas à decodificação dos vários contextos com os quais os seres humanos interagem em seu dia a dia.

A leitura nos leva a perceber tudo que está à nossa volta para, posteriormente, conseguirmos fazer a interpretação de cada código. Para tanto, é necessário que ela seja significativa e deve ter uma interação entre o texto e o leitor. É difícil para toda uma sociedade compreender o ato de ler, uma vez que é necessário um aprendizado diferenciado e direcionado e ainda podemos acrescentar as dificuldades que muitos dessa sociedade encontram para terem acesso à leitura e à escrita.

Segundo Martins (2012, p. 07), existe uma relação entre o ato de ler e a escrita, de modo que “o leitor é visto como um decodificador da letra”. Mas, a leitura só acontece, efetivamente, “quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo a leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa”. A apropriação da leitura se dá em um processo contínuo e com estratégias específicas voltadas para a realidade de cada leitor propiciando, assim que este desenvolva autonomia dessa habilidade, conseguindo não apenas compreender, mas utilizar esse sistema de códigos escritos em situações de interação social.

## 1.2 O ensino

A criança é apresentada, já nos seus primeiros anos escolares, a diferentes tipos e gêneros textuais. Apesar disso, a maneira errônea com que esses vêm sendo trabalhados contribuiu muito para provocar desinteresse pela prática de leitura nos alunos. Talvez seja esse um dos grandes motivos do fracasso da leitura nos anos iniciais de Ensino Fundamental. Além de uma didática de ensino da leitura propriamente dita, há o problema da formação de leitores e das estratégias necessárias para que essa formação realmente aconteça em sala de aula. Acrescente-se a isso outro elemento fundamental: a formação leitora docente, uma vez

que docentes que não desenvolveram o hábito da leitura têm naturalmente mais dificuldades para formar novos leitores. Nesse sentido, é fundamental o convívio com os livros.

Sabemos que esse convívio acontece na quase totalidade das vezes e por questões socioculturais, em ambientes escolares entre professores e alunos. O que nos leva a pensar no processo do ensino de leitura. O professor tem, nesse processo, o papel de mediador e de incentivador de ações que levem seus alunos a compreenderem a leitura não só como um modo de decodificar, mas, principalmente como uma oportunidade de compreender o contexto em que estão inseridos, possibilitando-os intervir nessa realidade por meio de ações ou ideias também expressas ou representadas por meio de textos verbais ou não verbais que serão também interpretados por outras pessoas.

Compreendendo a leitura nesse sentido mais amplo, é válido assinalar o momento em que primeiro ela surge em nossas vidas: quando ainda somos bem pequenos. A partir de então, realizamos a leitura de tudo que está a nossa volta, como: o afago de mãe, a luz que invade o quarto, as cores de objetos, o som da voz da mãe e o calor de seus braços. É por meio desse processo interativo que começamos a nos familiarizar e a compreender o que, de fato, dá sentido ao mundo circundante em certo sentido.

Aos poucos, o tempo vai passando e as interações sociais vão estimulando nossa curiosidade em relação à linguagem simbólica das letras sempre presentes nos vários ambientes com os quais interagimos. Com isso, vai crescendo sobremaneira o interesse pela leitura. Nesse momento, surge também a necessidade de um ensino capaz de ampliar essa leitura, antes circunscrita aos símbolos não verbais. Começa aí a transição do mundo iletrado para o mundo letrado.

O processo natural de “leitura” do meio, das expressões, dos comportamentos à nossa volta não é mais suficiente para a apreensão dos contextos com os quais entramos em contato. Aquilo que acontecia naturalmente, agora precisa ser direcionado e apoiado por um adulto, pois, a leitura não será mais apenas “de mundo” ela passa a ter como parceira as palavras. Paulo Freire descreve muito bem a necessidade desse ensino da leitura quando diz: “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 1987. p. 39)”. Partindo de tal premissa, fica evidente o fato de que a leitura é um processo que depende de outros fatores que não apenas a disposição para ensinar. Trata-se de um processo interativo em que o desenvolvimento se dá a partir dos estímulos linguísticos adequados e do contato com os textos dos mais diversos gêneros.

Ainda que, nas escolas, haja todo um trabalho voltado para esse encontro das crianças com o mundo da leitura, é muito fácil perceber o quanto há uma distância considerável entre o que a maioria dos alunos consegue compreender daquilo que leram e aquilo que “deveriam” estar aptos a compreender. No dia a dia escolar é muito evidente a dificuldade dessas crianças quando se trata das atividades de leitura. Isso nos permite afirmar que a educação formal, por mais que se esforce, ainda não consegue ter uma ação transformadora no cotidiano desses alunos.

Refletindo sobre as causas de tal situação e observando mais de perto essa realidade, deparamo-nos com a questão dos conceitos de alfabetização e de letramento. Nota-se o quanto as escolas ainda dão importância à alfabetização, aqui compreendida como ensino da decodificação de símbolos gráficos, as letras do alfabeto em detrimento do trabalho de letramento, tomado aqui segundo o conceito de Soares (2014) e que aponta para o uso social dessa língua. Diante dessa constatação, parece-nos evidente a necessidade de se levar em conta a necessidade de não separação entre os dois conceitos ao se pensar no ensino da leitura, ou seja, esse ensino deve capacitar esses discentes tanto para o processo de decodificação quanto para o uso consciente das estruturas linguísticas, em situações reais de comunicação humana, em seus múltiplos contextos sociais.

Ao analisarmos a questão do ensino da leitura na escola, percebemos um fator que interfere sobremaneira nos resultados desse ensino: a formação docente precária para o ensino da leitura. Tal formação contribui para que esses profissionais transmitam a visão de que aprender a ler é um processo mecanicista, ou seja, de decodificação simples das palavras, o que naturalmente gera, nos alunos, prejuízos sérios em relação à prática efetiva da leitura e à sua formação leitora, ao contrário do que deve ser, ou seja, de uma prática adequada, conforme destacam Schutz; Della Méa; Gonçalves (2009)

Uma prática de leitura adequada fornece ao leitor o pleno desenvolvimento das competências discursivo-pragmáticas da linguagem. Justifica-se, assim, maior atenção à concepção de leitura que professores estão adotando em sala de aula e de que maneira estão realizando as práticas leitoras na aula de língua materna. (p.56).

Considerando tais práticas leitoras não adequadas, é preciso considerar a necessidade de o currículo apresentar perspectivas para o ensino da leitura levando em consideração diferentes aspectos como: faixa etária, tipos e gêneros textuais, metodologias e

práticas pedagógicas lúdicas capazes de proporcionar um aprendizado significativo no ensino da leitura. Para que o aluno queira ler é necessário, além da escolha de excelentes textos, outros elementos e ações que o instiguem como: despertar a curiosidade, transformar esse momento em um momento prazeroso, a utilização lúdica dos textos em desafios como a busca de informações úteis, levando-se sempre em conta o fato de que tudo isso precisa fazer sentido para eles, ser algo que realmente tenha um significado imediato em suas vidas. Caso contrário, o desinteresse, a apatia e a falta de vontade de ler os afastarão definitivamente de tais atividades.

As escolas, de uma forma geral, têm formado seus alunos decodificadores da letra. Isso dificulta mais ainda a solidificação da leitura como um processo interativo em que o professor consiga perceber em que medida a criança progride rumo ao domínio da leitura durante seu aprendizado. Afinal, o objetivo é que o aprendiz desenvolva habilidades e competências leitoras suficientes para a compreensão das mais diversas formas de expressão escrita presentes em seu cotidiano, sempre pensando na apropriação de tal conhecimento, de modo que ele possa ser (re) utilizado ao longo de sua vida escolar e social. É importante que o aluno sinta-se apto a estabelecer certa forma de interatividade com os textos lidos.

Nesse sentido, há algum tempo, ações têm sido desenvolvidas no intuito de facilitar o contato das crianças com livros. Referimo-nos a alguns projetos, dentre os quais, destacamos dois: o “Cantinho da Leitura” e o “Pacto pela Alfabetização na Idade Certa”. Esses foram criados com objetivo exclusivo de alfabetizar e letrar os alunos dos anos iniciais. A partir de então, milhares de livros literários vem sendo distribuídos para escolas da rede pública do país. Contudo, os resultados ainda estão muito aquém do necessário. Uma das razões para isso está na constatação de que várias escolas, mesmo tendo recebido tal material, não têm conseguido elaborar rotinas pedagógicas que fomentem práticas de leitura em sala de aula, estimulando a leitura literária e contribuindo para a formação leitora das crianças brasileiras que frequentam escolas públicas.

Outro problema que podemos apontar na formação de leitores é a utilização de textos apenas para o ensino de normas gramaticais. Tal prática reduz tais obras a uma visão utilitária e retiram importante espaço de tempo das aulas que deveria ser exclusivo para a leitura. Nos anos iniciais, a questão mostra-se ainda mais problemática a partir da utilização de cartilhas que trabalham métodos silábicos e, com isso, delimitam a leitura e a compreensão dos alunos. Isso acontece porque, geralmente, esses manuais apresentam textos sem coesão e

sem coerência, incapazes de estimular o imaginário dos alunos e, muito menos, de despertar neles o interesse e o hábito da leitura.

E os professores? Qual é sua contribuição para essa preocupante realidade? Como se sabe, para que alguém forme um leitor, é necessário primeiro que esse alguém seja um leitor. Além disso, para ensinar a leitura, é primordial que se compreenda o quanto é complexo o processo de desenvolvimento dessa habilidade. Portanto, para obter êxito na formação de leitores ou no ensino de leitura, são imprescindíveis pesquisa e observação atenta por parte dos professores.

O ensino da leitura é observado, por alguns autores, como um fator decisivo para o fracasso ou sucesso na educação formal. Muitas vezes o único texto a que os alunos têm acesso é livro didático, repleto de conteúdos gramaticais, transformando atividades de leitura em tarefas enfadonhas e sem sentido prático para os aprendizes que acabam desestimulados diante de atividades de leitura, prejudicando sua capacidade de compreensão. Para Kleiman (2011) “as práticas mais comumente usadas em sala de aula são inibidoras do desenvolvimento da capacidade de compreensão.” (p.152).

A leitura deve ser tomada como problema cultural. Ela inicia-se ou pelo menos deveria iniciar nos lares, desenvolve-se de fato nas escolas. Mais que um ato individual, a leitura tem aspectos sociais importantíssimos para a formação cidadã. Ela habilita, capacita os seres humanos a interagir com o meio em que vivem, transformando-o. Segundo Freire (1989), a importância do ato de ler está relacionada com a maneira de ver, interpretar e modificar o mundo em que vivemos. Assim, ela liberta a imaginação, diverte, constrói valores e possibilita que a criança se torne um indivíduo crítico e consciente de seu papel na sociedade em que vive.

Já nos primeiros anos de escola a criança desenvolve competências que serão carregadas para o resto de suas vidas, a leitura deve fazer parte de tais aptidões, para que os alunos consigam alcançar proficiência nesta área se tornando um leitor competente e ativo. Para tanto a escola deve conter em seu Projeto Político Pedagógico ações que possam contribuir na formação ampla dos estudantes incluindo projetos com didáticas em que os alunos consigam se envolver buscando um aprendizado útil e prazeroso.

Para que se desperte tal consciência crítica, algumas práticas pedagógicas são de grande valia. É o que ocorre com a leitura de histórias na sala de aula pelo professor, visitas a bibliotecas e projetos pedagógicos voltados para a formação leitora. Todos esses elementos são capazes, se habilmente conduzidos, de estimular a imaginação dos aprendizes. Desse

estímulo para a interação com diferentes gêneros textuais a exemplo das fábulas, dos contos de fadas, das lendas, das cartas, das receitas, dos jornais, etc. é uma questão de tempo. Para que isso aconteça, deve-se ter sempre em mente o fato de que há diferentes etapas na construção do aprendizado infantil e que os professores devem adequar leituras a tais etapas formativas.

Kleiman (2011, p. 154) afirma que a criança deve aprender a adaptar suas estratégias de leitura e de abordagem do texto aos seus próprios objetivos. Com isso, a autora salienta que temos diferentes leitores em diferentes tempos ou estágios de desenvolvimento de tal habilidade. Assim, o professor, por meio de textos diversificados tanto em relação à temática quanto a complexidade de sua escrita, é capaz de oferecer experiências de leitura mais agradáveis, uma vez que considera seu público alvo.

Nesse sentido, é preciso não se esquecer do quanto a leitura é um processo que se constrói gradativamente por meio da aplicação de práticas envolventes e capazes de estabelecer uma relação de interação entre o aluno os textos por ele lidos. Desse processo de interação deve resultar sempre uma postura ativa dos alunos. De acordo com os PCNs

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (BRASIL, 1997, p. 69)

Mas o trabalho do professor deve, antes de tudo, iniciar pelo estímulo à leitura. Para isso, deve provocar a curiosidade discente antes da leitura propriamente dita. Antecipar alguns elementos tratados no texto, destacar aspectos curiosos sobre a história ou a temática abordada, apontar algum fragmento engraçado ou interessante do texto são estratégias válidas para despertar o interesse do aluno por livros literários. Com isso, estimula-se o imaginário infantil e esse elemento é fundamental para que os aprendizes dediquem-se à leitura e à busca de elementos estéticos trabalhados em cada obra.

Em todo esse processo de formação de leitores nas escolas, é importante destacar que tais instituições de ensino devem ser espaços facilitadores para tal formação. Nesse sentido, elas devem utilizar recursos capazes de desenvolver, em seus alunos, diferentes habilidades necessárias para seu processo de aprendizado leitor.

### 1.3 A facilitação

O meio social em que uma criança cresce e se desenvolve seja a família, a escola ou a comunidade, influencia diretamente em sua educação de uma maneira geral e em sua formação leitora, de modo específico. No que concerne a tal formação, o contato com os livros pode exercer papéis diametralmente opostos: em contato e com acesso a vários textos, as crianças podem desenvolver o gosto pela leitura e o interesse por esse objeto repleto de sinais gráficos e imagens que despertam sua imaginação. Por outro lado, a falta desses objetos pode gerar o medo do desconhecido, o não gosto por seu manuseio e muito menos por sua leitura. Sem o contato adequado e suficiente, aquilo que despertaria curiosidade e alegria, pode gerar apatia e distanciamento.

É o que normalmente ocorre com a maioria das crianças pobres brasileiras, moradoras de periferias, filhas de pais também com pouca formação escolar e praticamente nenhuma formação leitora. Nessas famílias, livros são objetos fúteis, sem utilidade prática e cuja aquisição, ainda quando possível, seria vista como algo supérfluo. Essa imagem é transmitida para os pequenos que, por sua vez, a reproduzirão com seus filhos e assim em diante. Nesses lares, não há contato com obras, tampouco exemplos de adultos leitores. E o pior de tudo é que essa é a realidade não se restringe, ultimamente, aos moradores de periferia ou pessoas consideradas pobres. O fenômeno tem ganhado adeptos nas classes média e alta da sociedade. Cada vez mais, pesquisas de cunho social apontam para a falta de leitura nas famílias brasileiras.

Assim, a escola assume papel primordial para a formação leitora. Aliás, esse papel sempre foi delegado a tal instituição. O que muda nos tempos atuais é que ela passou a ser o espaço quase exclusivo em que os aprendizes têm acesso a livros. Mas esse acesso, apesar de contribuir, não garante sozinho a formação leitora das crianças. Para que a escola desempenhe adequadamente mais essa importante função social, é preciso planejamento de ações e disponibilização de espaços internos voltados para esse fim específico: o contato entre a criança e os livros. Nesse sentido, os espaços facilitadores da leitura podem ser compreendidos como um dos aspectos fundamentais a serem observados para o êxito da formação leitora em crianças.

Quando se criam, dentro de salas de aula, ambientes preparados para a leitura, a criança liberta o seu imaginário antes mesmo de manusear o livro. Tais ambientes assumem papéis mágicos e lúdicos na imaginação infantil e a leitura de um livro ou até mesmo a

contação de histórias pelo professor transformam-se em momentos únicos, diferentes, estimulantes em que a criança sente, aprecia, deseja muito o acesso àquele mundo do faz de conta, despertando suas emoções e habilidades criativas. Para isso, o professor enquanto mediador ou facilitador do processo deve conduzir ações planejadas de modo que a experiência seja significativa para os aprendizes.

Por essa razão, as salas de aulas devem ser um espaço rico de possibilidades ao alcance das crianças. Nelas devem estar disponíveis todos os materiais possíveis como livros, porta textos, mapas, cartazes, sempre observando a necessidade de transformar o ambiente em algo atrativo e que convida os alunos a estarem lá. Infelizmente, a realidade da maioria das escolas públicas brasileiras, voltadas para a Educação Infantil e para os primeiros anos do Ensino Fundamental, é outra. Nelas, as salas de aula reproduzem ambientes frios e cheios de regras comportamentais, normalmente sem cores ou qualquer decoração atrativa para esse público.

De maneira semelhante a esses ambientes frios e sem vida, os professores sem a devida formação, tem apresentado atividades de leitura sem atrativos, sem sequer anteceder a leitura com atividades ou provocações que despertem o interesse desses alunos. Assim, seja, em função da inadequação desses espaços físicos seja em razão do despreparo docente, o que se nota é um processo de decadência da leitura e mais ainda da formação de leitores em nosso país.

Quando a criança passa a ter contato com o mundo dos livros ela é estimulada, naturalmente, ao processo da obtenção da linguagem escrita. Além disso, ela desenvolve muito suas habilidades e seu raciocínio. Outro ponto relevante diz respeito à autonomia uma vez que as leituras propiciam experiências únicas como, a modificação daquela realidade descrita na obra. A criança compreende que ela pode dar outro fim ou outro início àquela história ou pode, inclusive, reescrever toda a história e adequá-la a suas fantasias e desejos. Mais importante ainda é propiciar aos pequenos aprendizes a liberdade de ler quando sentirem vontade sem a noção de atividade obrigatória e impositiva.

Cada vez mais é preciso dar um lugar de destaque para a literatura nas salas de aulas, dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Isso se justifica em razão de esse gênero ser capaz de provocar nas crianças, como poucos outros, o interesse pela leitura. Esse fato ganha relevância ao considerarmos que estamos ensinando uma geração que tem acesso as mais diferentes informações em tempo real, por meio dos mais diversos meios de comunicação. Vivemos em tempos em que a criança ainda nem aprendeu a falar, mas, já sabe manusear



algum aparelho tecnológico. Esse fenômeno da realidade virtual tem se tornado presença constante na vida das crianças e, com isso, o contato e o manuseio de livros têm se restringido ao ambiente escolar. O resultado de todo esse processo é a constatação de que fazer com que as crianças sintam vontade de ler tem se tornado tarefa cada vez mais árdua e complexa.

Utilizar mecanismos lúdicos para o ensino da leitura é uma estratégia que favorece o desenvolvimento da criança, uma vez que o aprendizado se dá mediado pela diversão. Com isso, a construção de conhecimentos ocorre de forma prazerosa, desenvolvendo habilidades e competências capazes de torná-las adultos melhor preparados para atuar na sociedade, mais críticos em relação aos mecanismos de massificação. Nesse sentido, Claret (2013) destaca que

A finalidade da escola é preparar a criança para a vida, ensinando-a a ler, escrever, pensar, criticar, construir suas ideias, mostrando para ela a ideologia de viver na plenitude, para que ela não se iluda com a sociedade consumista, que quer cada vez mais e mais. (p. 14)

Os espaços específicos para leitura são também responsáveis para o desenvolvimento da socialização infantil. Partindo das experiências já adquiridas e respeitando seus costumes, contextos sociais e idades, nesses ambientes ocorrem trocas de opiniões, aprendem a esperar, a compartilhar, a aceitar diferenças e a conviver com seus pares. Cada história pode contribuir para uma reflexão e um aprendizado em relação à vida em sociedade. Quando o professor consegue ser criativo, o aluno corresponde de forma incondicional sendo participativo, interessado e naturalmente busca ampliar ainda mais seus conhecimentos, inclusive sobre seus semelhantes.

Exatamente por isso, que após a criação de espaços que incentivam a leitura, cabe ao professor planejar as leituras e sua utilização para cada turma. Portanto, o professor deve pensar que tipo de leitura irá oferecer. Contudo, essa escolha nem sempre é fácil, normalmente, apresenta-se rodeada por dúvidas. É muito comum que professores se sintam despreparados para agirem corretamente no que diz respeito a influenciar novos leitores ficando acovardados pelas famílias dos alunos, pelos gestores da escola e até mesmo pelos colegas de profissão. Isso acontece, principalmente, quando tais docentes não têm uma sólida formação leitora e experiência na formação de leitores.

Em relação a essa escolha de texto, O PNAIC destaca a necessidade de se levar em conta os diferentes aspectos que norteiam o ensino da prática de leitura. Segundo tal documento, é preciso

selecionar os textos a serem lidos, considerando os interesses infantis e a necessidade de ampliação cultural dos estudantes, trazendo para a escola textos que circulam na sociedade, é preciso considerar quatro dimensões importantes do ensino da leitura: 1) ler para atender diferentes finalidades e refletir sobre o contexto em que o texto a ser lido foi produzido; 2) estimular o desenvolvimento de habilidades de leitura; 3) explorar os recursos linguísticos dos textos; 4) refletir acerca das temáticas dos textos. (BRASIL, 2015, p. 34)

O professor, antes de iniciar o processo de ensino da leitura, deve ter seu olhar voltado para o que deseja, de fato, oferecer a seus alunos. Deve ter ciência de que suas escolhas poderão transformar positiva ou negativamente a vida de muitas crianças. Portanto, precisa compreender que a formação leitora demanda estudo cuidadoso sobre a diversidade de textos literários disponíveis no mercado e mais ainda sobre a adequação de cada obra para sua realidade educacional e suas intenções pedagógicas.

## **2 DIRETRIZES OFICIAIS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Para que o poder público pudesse fomentar a leitura em nosso país e investir recursos na democratização e acesso aos livros nas escolas públicas, transformando o cenário cultural de privilégios de uma minoria, foi preciso instituir uma política de formação de leitores em nível nacional.

No início da década de 80 surgiu o Programa Salas de Leitura e esse foi um marco inicial de ações de incentivo à leitura e à formação de leitores em nosso país. Contudo, tal programa carecia ainda de ajustes em relação ao atendimento assistemático e restrito de escolas públicas.

No final da década seguinte, em substituição a programas anteriores, foi lançado o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. Ao contrário dos anteriores que privilegiavam escolas por faixas de matrículas, esse programa priorizou a distribuição de títulos voltados para a formação do professor nas escolas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental.

Entre 2001 e 2004 foi instituído o Programa Nacional Biblioteca da Escola – Literatura em Minha Cada e Palavra da Gente cujo objetivo era distribuir coleções de textos literários diretamente para alunos de algumas séries e para uso pessoal.

Seguindo essa trajetória e no intuito de fomentar a leitura literária e transformar nossas escolas em pontos estratégicos de acesso aos livros literários, principalmente considerando a realidade da maioria das crianças e famílias pobres e sem acesso a bens culturais em nosso país. A partir dessas primeiras experiências, surgiu o Plano Nacional do Livro e a Leitura ou o PNLL.

### **2.1 O Plano Nacional do Livro e a Leitura – PNLL**

O Plano Nacional do Livro e Leitura, doravante PNLL, surgiu após mais de 150 reuniões públicas ocorridas em todo o país nos anos de 2005 e 2006, com a intenção de buscar sugestões e ouvir opiniões para a elaboração do referido Plano. Participaram desses encontros

representantes de toda a cadeia produtiva do livro – editores, livreiros, distribuidores, gráficas, fabricantes de papel, escritores, administradores, gestores públicos e outros profissionais da área, bem como educadores, bibliotecários, representantes de universidades e Instituições de ensino, especialistas em livro e leitura, organizações da sociedade, empresas públicas e privadas, governos estaduais, prefeituras e interessados em geral.

Após sua aprovação, ganham destaque o livro e a leitura em todo Brasil, o PNLL tem por objetivo tornar a leitura acessível a todos, promovendo uma transformação social capaz de gerar a integração de diversas culturas e opiniões, tornando a leitura uma atividade significativa e útil para o ensino aprendizagem nas escolas de todo o país.

Historicamente, o Brasil avançou muito em matéria de políticas públicas de estímulo e de valorização da leitura. Estudos apontam para a importância do acesso aos livros

Identificando os fatores que levam à composição de um ambiente letrado no entorno dos jovens, a pesquisa aponta para a conclusão de que seus interesses estão diretamente relacionados às condições materiais que lhes são oferecidas. E quanto mais acesso aos livros, mais os jovens se mostram abertos a vivenciar uma experiência positiva com a leitura em suas múltiplas plataformas e possibilidades. (BRASIL, 2014, p.13).

O plano busca a valorização qualitativa de fatores capazes de formar leitores em todo um país. Segundo suas orientações, são considerados fatores qualitativos:

- a) o livro deve ocupar destaque no imaginário nacional, sendo dotado de forte poder simbólico e valorizado por amplas faixas da população;
- b) devem existir famílias leitoras, cujos integrantes se interessem vivamente pelos livros e compartilhem práticas de leitura, de modo que as velhas e 15 novas gerações se influenciem mutuamente e construam representações afetivas em torno da leitura;
- c) deve haver escolas que saibam formar leitores, valendo-se de mediadores bem formados (professores, bibliotecários, mediadores de leitura) e de múltiplas estratégias e recursos para alcançar essa finalidade. (BRASIL, 2014, p.14)

Assim, percebemos que a formação de leitores requer um conjunto de ações que, de algum modo, desperte na população o interesse pela leitura. Ela é uma das competências que aprimoramos ao longo de nossas vidas, promovendo desenvolvimento intelectual e, de forma individual ou coletiva, a leitura cria condições para uma inclusão social.

O PNLL destaca a importância da leitura e da escrita para a formação social, a construção da cidadania e da diversidade cultural

A leitura e a escrita são percebidas aqui como práticas essencialmente sociais e culturais, expressão da multiplicidade de visões de mundo, esforço de interpretação que se reporta a amplos contextos; assim, a leitura e a escrita são duas faces diferentes, mas inseparáveis, de um mesmo fenômeno. (BRASIL, 2014, p.15).

A leitura e a escrita constituem elementos fundamentais para a construção de sociedades democráticas, baseadas na diversidade, na pluralidade e no exercício da cidadania; são direito de todos, constituindo condição necessária para que cada indivíduo possa exercer seus direitos fundamentais, viver uma vida digna e contribuir na construção de uma sociedade mais justa. (BRASIL, 2014, p.16).

A leitura e a escrita são, na contemporaneidade, instrumentos decisivos para que as pessoas possam desenvolver de maneira plena seu potencial humano e caracterizam-se como fundamentais para fortalecer a capacidade de expressão da diversidade cultural dos povos, favorecendo todo tipo de intercâmbio cultural. (BRASIL, 2014, p.17).

O principal objetivo do PNLL é assegurar o acesso a todos aos livros, à leitura, à literatura e as bibliotecas compreendendo que a leitura é instrumento necessário para a formação plena de um indivíduo e, através desse plano buscam-se políticas que trabalhem com a produção, a elaboração de planos e projetos e com ações continuadas por parte das esferas governamentais visando ampliar a cultura da leitura por todo o território nacional. Os eixos norteadores trazem diferentes ações para a concretização do plano, eles tratam de um conjunto de procedimentos para as mais diversas instituições e entidades, concentrando em propostas que priorizem a leitura como um formador de cidadãos.

O primeiro eixo trata da democratização do acesso. Ele preconiza a necessidade de implantação de novas bibliotecas como também de projetos de melhoria das existentes, por meio de ações como: a circulação de acervos, a informatização da rede, a capacitação dos gestores e bibliotecários e, a disponibilidade de livros literários, inclusive incluindo aqueles adaptados para alunos com deficiências (braile, livros digitais e áudios livros). Esse eixo ainda aborda a necessidade de promoção da leitura em diferentes lugares (praças, ônibus, aeroportos, centros comerciais, entre outros) bem como a distribuição gratuita de livros para crianças, jovens e adultos não só nas escolas, mas também para aqueles que se encontram em outros contextos (hospitais, asilos, presídios, comunidades rurais, etc.) alcançando, assim, segmentos sociais.

O segundo eixo trata de ações de fomento à leitura e da formação de mediadores, tratando da necessidade de programas de capacitação para educadores, tornando-os facilitadores da leitura. Aborda ainda projetos em universidades e em centros de formação de

professores buscando a elaboração de práticas pedagógicas que contemplem a leitura infanto-juvenil, em particular daqueles que utilizam os mais diversos espaços capazes de promovê-la de forma ampla e direta. Esse eixo ainda trata da importância de projetos sociais de incentivo à leitura por meio de diferentes atividades que envolvam variados contextos e incluam as comunidades tradicionalmente excluídas (indígenas, quilombolas, etc.).

## 2.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs, foram criados com o intuito de nortear gestores e professores de todo o país em relação aos conteúdos trabalhados em salas de aulas tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Esses documentos apresentam uma divisão por disciplinas em dez volumes, explorando os temas transversais no intuito de propiciar uma formação o mais completa possível dos alunos. Os PCNs foram apresentados às comunidades escolares em um momento em que se discutia o fracasso escolar e surgiram como uma proposta de solução pronta e a ser seguida em busca dessa melhoria ou reestruturação na educação de todo o país.

O ensino da Língua Portuguesa é tratado no segundo volume da coletânea. Nesse documento, a disciplina é compreendida a partir de uma contextualização ampla e que abrange aspectos orais e escritos. Diante de todo o fracasso escolar que o país atravessava, um dos principais pontos destacados em relação ao ensino dessa disciplina é a importância do domínio da linguagem como uma possibilidade de participação plena na sociedade, resgatando o conceito de letramento. Além disso, os PCNS de Língua Portuguesa salientam outro importante ponto em relação essa disciplina: a linguagem precisa ser compreendida enquanto conhecimento prévio a ser sistematizado e ampliado em sala de aula de modo que cada aluno desenvolva a capacidade de uso eficaz da linguagem. Segundo eles,

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. De modo geral, os textos são produzidos, lidos e ouvidos em razão de finalidades desse tipo. Sem negar a importância dos respondem a exigências práticas da vida diária, são os textos que favorecem a reflexão crítica e imaginativa, o exercício de formas de

pensamento mais elaboradas e abstratas, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.” (BRASIL 1997, p.30)

A escola deve ser um espaço que ofereça aos estudantes diferentes textos em circulação na sociedade. Com isso, promove-se a capacitação “eficaz” desses aprendizes em relação às habilidades de leitura e interpretação, motivando-os a expressar suas opiniões em relação ao que foi lido. Para isso, é necessário que o educador inclua trabalhos com textos literários ou não em suas práticas de ensino para que seja introduzida a leitura diversificada no cotidiano do aluno tendo o cuidado de fazê-la de maneira que este sinta o desejo de ler.

A criança precisa sentir o prazer da leitura, construindo uma ponte entre o imaginário e o real. Cabe ao professor, nessa situação, ofertar aos pequenos leitores a possibilidade de se arriscar diante do “desconhecido” tornando esse aluno um leitor competente.

“Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.” (BRASIL 1997, p. 54).

Assim, fica evidente que a formação de leitores competentes necessita de práticas constantes de leitura. Essas devem oferecer ao aluno ampla opção de textos gerando um maior envolvimento de todos inclusive os que não possuem leitura convencional, ou seja, aquela compreendida como decodificação de letras. Dessa forma, as crianças são apresentadas à leitura antes mesmo de serem alfabetizadas. Com isso, tal atividade deixa de ser vista como uma imposição e mera decodificação de sinais. Isso transforma a leitura em objeto de aprendizagem e não de ensino, uma vez que assume significado e utilidade para esses alunos. A partir daí, ocorre naturalmente o processo de interação entre discente e texto, ou seja, a construção de uma leitura produtiva e eficaz.

Os PCNs chamam a atenção para a necessidade de se ofertar aos estudantes textos diversificados, pois se não o fizermos, seremos capazes de formar leitores utilizando de práticas e didáticas de leitura em que os alunos leiam apenas na sala de aula e, ainda somente textos que estão disponíveis nos livros didáticos. Talvez seja esse um dos maiores desafios a serem enfrentados por professores dos anos iniciais: trabalhar com práticas de leitura que contemple a diversidade textual. Isso requer do docente um envolvimento maior, além de

pesquisas e práticas de leitura aptas a proporcionar atividades de leitura significativa para os discentes.

Compreendendo a importância da formação de leitores nos anos iniciais, os PCNs desconstruem a ideia de uma leitura inicial, compreendida como decodificação de letras ou símbolos. Apontam para essa necessidade de combate a prática dessa forma de leitura, uma vez que ela tem gerado, ao longo de muitos anos em escolas de todo o país, a formação de decodificadores, ou seja, de leitores incapazes de utilizar, com propriedade, as informações transmitidas pelos textos.

Os parâmetros abordam ainda o ensino inicial da leitura como um processo interativo. Partindo do conhecimento prévio de cada aluno, esse ensino deve estabelecer uma relação entre o que é lido com o que é vivido por cada aluno. As práticas de leitura na escola deve ser algo constante e diversificado. Com isso, elas desenvolverão, nos discentes, competências e habilidades necessárias para a leitura dos mais diversificados textos. Segundo os PCNs cada texto exige uma abordagem apropriada para a leitura de cada texto

Diferentes objetivos exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez exige modalidade de leitura. Há textos que podem ser lidos apenas por partes, buscando-se a informação necessária; outros precisam ser lidos exaustivamente e várias vezes. Há textos que se pode ler rapidamente, outros devem ser lidos devagar. Há leituras em que é necessário controlar atentamente a compreensão, voltando atrás para certificar-se do entendimento; outras em que se segue adiante sem dificuldade, entregue apenas ao prazer de ler. Há leituras que requerem um enorme esforço intelectual e, a despeito disso, se deseja ler sem parar, outras em que o esforço mínimo e, mesmo assim, o desejo é deixá-las para depois. (BRASIL 1997, p.57)

Considerando o fato de que há uma gama enorme de textos dos mais variados gêneros, é preciso que sejam formados leitores competentes. Rangel (2009) descreve as diferentes estratégias de leitura que se tornam ações para a compreensão do texto lido. Essas ações vão sendo aprimoradas inconscientemente pelo leitor na medida em que esse sujeito vai se apropriando da leitura. Portanto, tais ações podem ser compreendidas como habilidades que diferenciam um leitor competente de um decodificador de palavras.

De acordo com os PCNs, para a formação de leitores não se deve restringir apenas ao uso de materiais disponíveis. Ao contrário, é preciso gerar condições que estimulem o gosto pela leitura em cada aluno, principalmente dentro de uma sala de aula dos anos iniciais. Essas condições são citadas da seguinte forma:



Ter na escola uma boa biblioteca.  
 Oferecer um acervo de livros que atenda as séries iniciais.  
 Disponibilizar aos alunos momentos para ou de leitura.  
 Planejar atividades de valorização a leitura.  
 Permitir ao aluno a escolha de sua leitura.  
 Garantir que os estudantes não sejam questionados importunamente a respeito de sua leitura.  
 Possibilitar aos alunos o livre acesso a diferentes textos (científicos, informativos, contos, piadas, etc.).  
 Sugerir títulos diversificados aos estudantes.  
 Construir uma política pedagógica voltada para a formação integral de leitores nas séries iniciais. (BRASIL 1997, p.58-59)

Além dessas condições, é necessário também pensar em propostas pedagógicas específicas que tornem completa a formação desses leitores. Para tanto, os PCNs sugerem cinco didáticas que possam contribuir no ensino da leitura: leitura diária, leitura colaborativa, projetos de leitura, atividades sequenciadas de leitura e atividades permanentes de leitura. A seguir, esboçaremos cada uma delas.

A leitura diária defende que a formação de leitores nas séries iniciais deve acontecer dentro de um processo diário e ativo em que diferentes práticas de leituras são trabalhadas na sala de aula: a leitura silenciosa, individual, em grupo, coletiva, em voz alta, compartilhada, etc. No entanto, o professor como um facilitador da leitura deve ter o cuidado em planejar atividades estimuladoras e significativas para as crianças o que naturalmente as levará a sentir o gosto pela leitura.

Já a leitura colaborativa consiste em o professor ler um texto para seus alunos e os instigar a buscarem mecanismos de interpretação e de compreensão, utilizando de questionamentos levantados pelos próprios alunos. Os alunos são colaboradores uns dos outros e vão descobrindo pistas linguísticas para conseguirem interpretar o texto a partir de ações individuais colocadas para todo o grupo. Essa maneira de trabalhar sugere uma interação entre texto e leitor. Esse processo será aprimorado por meio de discussões e análise do texto e, finalmente, ocorre a consolidação da leitura por meio da interpretação e inferência sobre as intenções do autor ao elaborar aquele texto.

A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir. A

compreensão crítica depende em grande medida desses procedimentos.  
(BRASIL 1997, p.61)

Assim, o estudante tende a criar o interesse pelo texto por intermédio de uma ação em que todos estão envolvidos e estímulos surgem naturalmente a partir da leitura inicial do professor, ou seja, ele instiga e, no final os alunos sozinhos e de maneira colaborativa trabalham o texto espontaneamente identificando traços como a intencionalidade do autor ao escrevê-lo.

Em relação aos Projetos de leitura, os PCNs afirmam que, na formação de leitores nos anos iniciais, devemos dedicar uma parte do ensino aos projetos com objetivo de possibilitar o acesso à leitura. Os projetos, segundo esses parâmetros, devem estar voltados para o favorecimento da leitura por meio do envolvimento de todos os sujeitos envolvidos nas ações formativas (gestores, professores, alunos e comunidade) necessitando assim de tempo. Isso, de certa forma, contribui para um planejamento específico e com ações a serem executadas com intuito de estimular e promover a leitura na escola enquanto prática prazerosa e formadora. Desenvolver projetos para leitura é significar, dar sentido a todos os conteúdos ensinados em sala de aula. Sem falarmos que, ao utilizar da didática de projetos, abrimos possibilidades como a inter-relação entre a escrita, a leitura e a oralidade.

As atividades sequenciadas de leitura partem do princípio de que todo processo de ensino deve ter uma sequência e, na leitura não é diferente. De acordo com as orientações contidas nos PCNs de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, deve-se despertar comportamentos e atitudes a partir de práticas de leitura. Para isso, destaca-se que a sequência tem a função de seguir um trajeto capaz de propiciar ao discente a construção da competência leitora, bem como ele possa criar critérios na escolha do material a ser lido, gerar padrões individuais de leitura e ainda buscar por mecanismos próprios a compreensão de diferentes textos. Segundo tal documento, toda atividade relacionada à leitura deve ter um significado claro para o estudante, uma vez que a sequência tem como objetivo promover a interação final entre texto e leitor.

Em relação às atividades permanentes de leitura, os PCNs orientam que devemos identificar práticas de leitura que façam parte da rotina diária do aluno, de modo que haja um desenvolvimento simultâneo entre essas atividades e as demais atividades desenvolvidas pelo aluno em sala de aula. O ensino da leitura, como já sabemos, deve acontecer em um processo contínuo e interativo, e essas atividades permanentes realçam a importância de ações que

sejam capazes de formar leitores nas séries iniciais tendo a criança como o principal sujeito deste processo. Os PCNs apontam para uma reflexão sobre a necessidade de uma prática permanente em que a leitura seja algo divertido e libertador e, para que isso aconteça, os professores precisam valorizar a leitura e, trabalhar essa importante habilidade como um instrumento ativo para a transformação de vidas.

Os PCNs, por meio de pesquisas, apontam para a urgência em criar tais condições favoráveis à leitura em todo o país para que ocorra uma mudança, nas salas de aula espalhadas por todo território nacional. A leitura, segundo os Parâmetros, deve provocar reações psicolinguísticas de operações cognitivas gerando no leitor a capacidade de compreensão e inferência ao texto lido, competências e habilidades de extrema importância para a formação de um leitor.

Buscando acabar com o fracasso escolar no que concerne à formação leitora, os PCNs são apresentados como um remédio prescrito pelo Ministério da Educação, trazendo novas perspectivas para se trabalhar em sala de aula. Eles apresentam aspectos inovadores e capazes de gerar uma mudança na educação brasileira. Em relação ao ensino da leitura, tais parâmetros destacam a necessidade de promoção desse ensino por meio de ações diárias, partindo da realidade dos discentes e ainda inserindo a leitura de maneira agradável e estimuladora no cotidiano desses alunos.

### 2.3 Base Nacional Comum Curricular – BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nasceu de extensas discussões entre comunidade educacional e a sociedade brasileira em busca da melhoria do ensino país. Ela tem por objetivo definir aprendizagens essenciais para a formação dos alunos em diferentes etapas da Educação Básica, respeitando conhecimentos e competências que cada estudante desenvolva ao longo de sua vida escolar. A BNCC apresenta propostas educacionais que se esforçam por oferecer uma formação integral e igualitária a todos os alunos brasileiros, independentemente da região ou do contexto social em que se encontrem. Com isso, pretende promover uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

A BNCC surge com o intuito de acabar com fragmentação da educação por meio de políticas educacionais geradoras de uma melhoria educacional. Isso proporcionará o desenvolvimento pleno da cidadania acabando, assim, com as diferenças sociais e, proporcionando maior equidade na educação. Espera-se que todos esses fatores propiciem a inserção das instituições escolares à pluralidade e à diversidade, passando a serem locais acessíveis, dinâmicos e aprazíveis. A equidade conforme a BNCC descreve traz consigo a força para eliminar a exclusão uma situação historicamente vivenciada por alguns grupos em nosso país, pessoas essas que não obtiveram, historicamente, acesso à uma educação de fato formadora e adequada às necessidades desses indivíduos.

O que é proposto na BNCC é uma unificação de currículos assegurando, dessa forma, conteúdos mínimos necessários para cada etapa da educação básica, direcionando todo um sistema educacional para o mesmo sentido. Assegura ainda que, ao final, caberá a cada instituição a elaboração com total autonomia de ações que visem integrar nesse modelo o contexto local e regional em seus Planos Políticos-Pedagógicos.

Além disso, BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da educação básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, considerando o contexto e as características dos alunos. (BRASIL 2016, p.12)

Essa Base trata dessas competências como sendo o uso dos conhecimentos de maneira mais ampla possível de modo a levar o aluno a ser competente e capaz de solucionar um problema utilizando seus conhecimentos já adquiridos. Assim, como os PNCs, a BNCC também foi elaborada com critérios distintos para cada matéria da educação básica. O segmento dedicado ao Ensino da Língua Portuguesa apresenta o texto escrito como o centro da prática de linguagens seja oral ou escrita. Com isso, o que se percebe pelas variações de textos é uma multimodalidade de linguagens. Para atender tais variantes, a BNCC de Língua Portuguesa é estruturada em cinco eixos norteadores que são comuns ao longo do ensino fundamental são eles: a Oralidade, a Leitura, a Escrita, Os conhecimentos linguísticos e gramaticais e a Educação Literária.

Neste trabalho, abordaremos de maneira mais aprofundada o último eixo. A educação literária é descrita na BNCC não como um ensino de literatura, mas, sim como um

formador de leitores autônomos sendo aqueles que apreciam a leitura como uma forma artística encontrando o gozo em fazê-la. A leitura permite ao leitor, nesse sentido, uma visão ampla de diferentes aspectos apresentados em um texto como (época, lugares, costumes, culturas, diferentes modos de vidas, etc.).

A Educação literária busca instituir nas escolas uma qualidade no que diz respeito aos leitores. Ela leva em consideração aspectos que sejam adequados a cada nível ou etapa em que o aluno se encontra, observando criteriosamente elementos como a mensagem do texto, e habilidades e competências a serem despertadas para que esses se tornem leitores criteriosos.

A BNCC recomenda que o processo de aquisição de práticas de leituras aconteça e seja organizado dentro unidades temáticas. Essas devem levar em conta a etapa/nível de ensino em que está matriculado o aluno. O eixo destaca ainda que as práticas de leituras e a reflexão devem ser uma forma de apreciação de qualquer texto, seja ele literário, oral ou escrito. Aponta ainda para as seguintes modalidades: categorias do discurso literário, reconstrução do sentido do texto literário, experiências estéticas, o texto literário no contexto social e o interesse pela leitura literária.

A BNCC alerta para o fato de que à medida que aluno avança as etapas, suas habilidades e competências também progridem proporcionalmente. Graças a esse processo contínuo, ressalta-se o fato de que as complexidades surgirão progressivamente e, dessa forma, a aprendizagem deve acontecer pela perspectiva da continuidade.

A Base demonstra, em sua elaboração, preocupação em reverter um quadro preocupante no que diz respeito à leitura literária. Isso porque, durante muitos anos, têm-se constatado a existência de uma sociedade em que poucos têm acesso à leitura. Tal fato preocupante evidencia a carência, em nível nacional, de uma cultura da leitura. Criar uma base para a formação literária é sem dúvida alguma fazer um resgate social uma vez que ela tem a preocupação em emergir a literatura na cultura brasileira.

### 3 A FORMAÇÃO DE LEITORES E A MEDIAÇÃO DOCENTE

Neste capítulo, refletiremos sobre o papel do professor na formação de leitores nos anos iniciais. Nosso objetivo é mostrar a atuação mediadora desse profissional cujo trabalho facilita muito todo o processo, por meio de mecanismos que serão capazes de transformar o aluno de um leitor principiante em um leitor ativo. Entendemos leitor ativo como aquele capaz de interagir com o texto lido, extrair informações, analisá-las e principalmente utilizá-las nos mais diversos contextos de comunicação.

O professor ao iniciar a formação de seu aluno para a leitura deve levar em conta a realidade e as experiências já vividas por aquele e a leitura, por sua vez, deve ter para as crianças caráter lúdico, ser atrativa e capaz de despertar a imaginação infantil. Segundo Diniz (2014), a formação docente

é um dos principais entraves em uma prática educativa de qualidade, especialmente no que se refere ao ensino da leitura, pois o que se percebe é certo conformismo e desgosto pela leitura presente na comunidade escolar, tornando-a, assim uma prática desmotivadora tanto para o educador quanto para o educando. Mesmo que todos os quesitos ideais necessários a uma prática de ensino da leitura fossem efetivados na escola seria indispensável a presença de professores leitores, que sentissem prazer na leitura que fossem bem formados e instrumentalizados para tal prática. (p.23)

Buscando conhecer e compreender esse professor percebemos, por meio da leitura de outras pesquisas, que poucos professores dos anos iniciais conseguem formar leitores ativos e competentes. Tal fato se deve, principalmente segundo tais estudos, à falta de conhecimento específico ou formação para a educação literária. Assim, não seria incorreto afirmarmos que esse é um dos grandes motivos do insucesso da formação leitora das crianças nas escolas de nosso país, principalmente daquelas pertencentes ao sistema público de ensino. Segundo Kleiman (2011, p.151) “a formação precária do professor na área de leitura, bem como o desconhecimento dos resultados da pesquisa na área trazem consequências negativas para a qualidade de ensino”.

O professor precisa reconhecer a importância social da leitura na e para a formação da cidadania de seus alunos. Por isso, a tarefa de formar novos leitores exige esforço, dedicação, boa vontade e ações constantes que estilem o aluno a se tornar um leitor

competente. Um professor que queira formar leitores precisa ser um leitor para que seu aluno se sinta incentivado pelo hábito de ler.

Muitas crianças têm seu primeiro contato com um livro na escola, ciente disso o professor deve proporcionar um contato agradável e sedutor em que o aluno sinta o desejo de ter em suas mãos o livro novamente. Nesse sentido, um dos mais valiosos mecanismos é o “cantinho da leitura”. Ele contribui, nas salas de aula, para provocar no aluno esse desejo para a leitura, uma vez que é um ambiente diferente dentro da própria sala de aula capaz de liberar a imaginação de uma criança. Cabe, portanto, ao professor usar de recursos pedagógicos criativos que consigam atrair os alunos para a formação de um hábito diário de leitura.

Alguns professores têm encontrado dificuldades em formar leitores nos anos iniciais em razão das metodologias adotadas para esse objetivo. Normalmente, o que se verifica são atividades voltadas para o “ensino” de algum elemento estrutural da língua ou da leitura mecânica de palavras sem a preocupação com o aspecto lúdico da leitura. Com isso, a atividade torna-se cansativa e desprovida de prazer. Em tais salas de aula, são comuns ações de trabalho que privilegiam a repetição.

Ao contrário dessa realidade, o ideal seria a exploração de textos literários de qualidade que provocam nos alunos sensações agradáveis como, por exemplo, o riso que surge no rosto de uma criança quando termina uma leitura em que seu herói derrotou mais uma vez um imenso dragão. O Trabalho do ensino acaba desvalorizando o prazer da leitura literária, pois essa atividade mecânica passa a ser apenas uma forma de verificação de aprendizado.

Diante de tantas dificuldades, é necessário que os Planos de Ações de uma unidade de ensino incluam, no trabalho docente, a importância da leitura literária nos anos iniciais. É necessário que sejam realizadas formações continuadas voltadas para o ensino da leitura e da leitura literária em particular. Essa capacitação justifica-se em razão dos vários depoimentos docentes já registrados nas pesquisas sobre o assunto em que se percebe com clareza o fato de que após a formação inicial desses profissionais, em vez de sentirem-se estimulados a formarem-se enquanto leitores e pesquisadores do assunto, a grande maioria não demonstra preocupação com a necessidade de leitura e ainda acrescentam que a leitura acadêmica lhe fez perder o desejo de ler por serem cansativas e complexas.

### 3.1 O professor leitor forma alunos leitores

O professor é quem fica com papel principal de incentivador e transformador de atitudes de seus alunos. Investigando a relação aluno-professor, na sala de aula, percebemos que a postura docente é um fator influenciador na formação das crianças. Assim, o professor leitor, ao demonstrar naturalmente seu gosto pela leitura, transmite aos discentes a mensagem de que a leitura é algo bom, prazeroso e fácil. Essa postura diante do livro pode ser vista como uma ferramenta interessante e capaz de atrair seus alunos para o mundo da leitura.

Em nossa sociedade atual, formar leitores tem se tornado ainda mais difícil. Com o avanço das tecnologias, surgiram diversas formas de comunicação em tempo real o que acabou desvalorizando o ato de leitura. Em concorrência direta com redes sociais, smartphones, jogos eletrônicos e outros aplicativos direcionados para o público infantil, atividades de formação leitora como: as de ler bilhetes, cartas, contar histórias, saraus de leituras de livros entre outros, deixaram de ser atrativas e têm afastado cada vez mais tanto os pequenos leitores quanto os adultos com os quais aqueles estão em contato direto.

O professor, diante dessa realidade tecnológica e virtual, deve se tornar um pesquisador que busque diferentes ações pedagógicas para incentivar, proporcionar e facilitar a leitura no cotidiano de seus alunos. Mas, se estamos sendo inundados por diversas formas de comunicação e se temos assistido a mudanças tão rápidas no contexto social, é natural que fique uma preocupação comum a educadores: como o professor conseguir formar leitores nessa era digital? A resposta, apesar de não ser simples, parece-nos possível: as ações do professor serão fundamentais para que se consiga formar leitores. Dentre o conjunto significativo de ações possíveis, uma das formas mais tradicionais de se envolver pessoas e que a tecnologia ainda não conseguiu esvaziar de significado é a contação de histórias.

A interação entre docente e alunos traduzida no ato de contar histórias na sala de aula ou de criar ambientes como o “cantinho da leitura” são mecanismos que contribuem para o desenvolvimento cognitivo da criança e auxiliam nessa formação leitora, mesmo em tempos digitais.

Segundo Vygotsky, as interações entre os indivíduos e dos indivíduos com o mundo e com o objeto de conhecimento desempenham um papel fundamental no seu desenvolvimento cognitivo, e o conhecimento se dá em um processo de transferência do social para o individual. Ou seja, as interações e os processos psicológicos constituem uma via para ação. (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 69)



O ensino da leitura então deve acontecer por meio de interações cada vez mais frequentes e que façam sentido prático para o aluno. Para isso, a leitura deve ganhar um lugar de destaque na sala de aula, gerando assim um aprendizado significativo para a criança. O professor leitor precisa explorar habilidades e competências discentes para conduzir tais interações. Nesses momentos, o profissional deve apresentar às crianças textos variados e com a preocupação de despertar o prazer da leitura e não de oferecer uma tarefa a ser cumprida pelos pequenos.

Os anos iniciais da vida escolar de uma criança são determinantes para sua formação estudantil e pessoal. Como sabemos essa importante fase do desenvolvimento humano, é o momento ideal para que ocorra a formação leitora, principalmente em razão dos elementos que auxiliam esse processo: a fantasia, a imaginação e a curiosidade natural da idade. Se estimulados corretamente, esses aprendizes demonstrarão resultados melhores e mais duradouros. Ensinar uma criança nos anos iniciais todo conteúdo proposto em um currículo já é algo relativamente comum nas escolas. Contudo, essa preocupação conteudística tem gerado equívocos e prejuízos educacionais há algumas gerações. Particularmente no que se refere à formação leitora, o que se percebe – na maioria das vezes – é que professores têm fragmentado a leitura e a deixado de lado o cada vez mais. Por fragmentação, entendemos o ato de utilizar atividades de leitura de maneira mecânica e sem ensinar o aluno a refletir sobre o que está lendo ou mesmo explorar corretamente as palavras e estruturas, compreendendo a utilidade na vida real desses conteúdos lidos. O resultado desse equívoco metodológico é o crescimento dos casos de analfabetismo funcional.

É imprescindível que a leitura aconteça em um processo agradável na vida das crianças deixando de ser um instrumento avaliativo ou punitivo na sala de aula. Esse caráter punitivo da leitura materializa-se na ameaça de deixar sem recreio e ter que ir para o cantinho da leitura aquele aluno que não tiver disciplina durante as aulas. Para esses alunos que são ameaçados com a leitura, tratada como punição e algo ruim, fica a pergunta: que sentimento ou reação o professor gera em relação à leitura?

Com certeza, a criança desse momento em diante não verá a leitura como algo prazeroso. A partir dessa experiência traumática, ao invés de adquirirem o hábito da leitura passarão a evitá-la. É sabido que a literatura infantil tem como foco principal aguçar a imaginação de uma criança. Quando a leitura toma outro sentido e essa criança passa a

compreender a leitura como aquela atividade que castiga se ela não estiver dentro dos padrões impostos pelo professor.

Outro fato que nos chama atenção é o de que muitos alunos dos anos iniciais não frequentam a biblioteca das escolas. Isso geralmente ocorre em razão de seus professores acreditarem que os discentes ainda não alfabetizados sejam incapazes extrair algo de produtivo a partir desse contato com livro. Para esses docentes, seria inútil um aluno não alfabetizado frequentar um local cheio de livros, uma vez que eles ainda não sabem ler. Por trás dessa interpretação está a despreparo desses profissionais em relação as outras formas de leitura possíveis para uma criança. Como se sabe, apelando para o recurso da imaginação, eles folheiam livros infantis e as gravuras são interpretadas e histórias são construídas – ainda que não correspondam à história efetivamente contada no livro.

Contudo, a reflexão sobre a formação de leitores nos anos iniciais implica em se pensar sobre a o trabalho docente e as práticas de aproximação ou de distanciamento discente de atividades de leitura. Nesse sentido, é preciso criar estratégias em que os alunos vejam a leitura como uma “porta aberta” para sua formação acadêmica e pessoal e não como um instrumento punitivo e desagradável que os impede de aproveitar, por exemplo, o momento lúdico do intervalo ou do recreio.

A escola é, sem dúvida, a grande responsável pela formação de leitores em nossa sociedade atual. Isso se deve ao fato de que as famílias estão, cada vez mais, transferindo responsabilidades formativas para essas instituições de ensino. Entendida essa responsabilidade, é preciso enfatizar a importância do trabalho lúdico e da leitura diária em sala de aula.

Nesse sentido, o ambiente para leitura é um elemento fundamental. Não bastam os textos, ou a conduta docente, ou ainda o acesso à biblioteca escolar. Com o objeto em mãos, é imprescindível que haja um local apropriado, aconchegante e que consiga fazer com que os alunos sintam-se à vontade, livres para manusear os livros. Exatamente por isso, a iniciativa de criação dos “cantinhos da leitura” tem contribuído sobremaneira para processos de formação leitora em crianças.

O cantinho da leitura possibilita a criação, na sala de aula, um ambiente de estímulo à leitura. Nele, o aluno é levado pela fantasia do ambiente, despertando sensações capazes de transportá-lo ao universo imaginário construído pela leitura. Mas esse ambiente estaria incompleto sem a seleção adequada dos textos. Cabe aos professores essa escolha criteriosa de histórias infantis sempre com a preocupação de sua adequação à idade, nível de

leitura, vocabulário e realidade fora dos portões da escola. Deve-se observar o desenvolvimento cognitivo individual de cada aluno para, dessa forma, todos sejam privilegiados com o prazer de ler um bom livro e essa leitura seja a mais significativa possível.

Considerando tudo isso, é fundamental que se observem as técnicas para se trabalhar a leitura nos anos iniciais. Assim, os docentes devem reavaliar suas condutas, ponderando sobre ajustes necessários para não incorrer novamente em erros de abordagem de textos porventura já cometidos. Além disso, precisam desenvolver novas práticas capazes de produzir melhores resultados nessa tarefa de aproximação entre a criança e o livro, sempre considerando a necessidade de transformar tal ação em um instrumento de formação infantil e de inserção desses leitores em seus contextos sociais imediatos.

A criança passa por vários estágios de desenvolvimento cognitivo e motor. Durante o processo de ensino da leitura existem também estágios ou etapas de desenvolvimento dessa leitura. Em princípio, a criança decifra termos, depois ela passa a compreensão daquelas informações e, por fim, atinge um nível de leitura crítico, percebendo as funções dos elementos, as intenções do autor. Dentre os vários gêneros textuais, Kleiman ilustra parte desse processo por meio da leitura de uma propaganda. Segundo a autora, o aluno

que lê pela primeira vez uma propaganda pode deixar de perceber a função de certos aspectos linguísticos, porque seu conhecimento sobre a intencionalidade desse texto não é mobilizado para a tarefa leitura. Entretanto, se o aluno for orientado a pensar no contexto em que a propaganda foi produzida, qual era o leitor previsto, qual a intenção que está atrás de textos desse tipo, então a leitura deixa de ser uma análise e palavras para passar a ser uma conscientização sobre os usos da linguagem mediante a leitura. (KLEIMAN, 2011, p.79)

O aluno deve ser conduzido a pensar o texto conseguindo extrair informações explícitas e implícitas. Deve conseguir observar marcações linguísticas e ser capaz de perceber as intencionalidades do autor. A Literatura Infantil, durante muitos anos, foi apenas uma forma intencional de leitura moralista em que tinha como papel principal ensinar algo. Hoje, na sala de aula e fora dela, é necessário ter o cuidado de dar outros sentidos à leitura que não os da doutrinação ou do simples entretenimento. A leitura é o mais importante e eficaz instrumento libertador de mentes e de formação de opinião crítica em relação às relações sociais, políticas, éticas, morais e interpessoais. De instrumento de formação moral, essa atividade tornou-se instrumento de acesso à cidadania plena. Sem a formação de um hábito de

leitura, empobrece-se cada vez mais a nação. Considerando que um dos instrumentos mais valiosos para a promoção da leitura nas salas de aula é o cantinho da leitura, trataremos, a seguir, desse importante aliado para a formação de leitores em nosso país.

#### 4 CANTINHO DA LEITURA

O contato com livros na infância desperta na criança o desejo por desvendar a leitura e melhorar sua comunicação. Isso contribui, sobremaneira, para o processo de alfabetização e letramento e, com isso, ela consegue ler e fazer o uso social dessa leitura.

O processo de interação entre a criança e o meio em que vive é essencial para o desenvolvimento de seu aprendizado. Um dos meios de interação mais importantes nessa fase escolar é a sala de aula. Dentro de tal ambiente, o cantinho da leitura pode ser visto como um espaço criado com o intuito de despertar o prazer pela leitura por meio do apelo ao lúdico. Em tal espaço, os livros ficam sempre ao alcance dos aprendizes e podem ser lidos a qualquer momento, desde que a criança sinta o desejo de manuseá-los.

Como se sabe, é por meio também da literatura infantil que a criança desenvolve a imaginação, os sentimentos e cria expectativas ao ouvir histórias. Essa literatura também propicia a compreensão do mundo real e ajuda no enfrentamento de situações difíceis e/ou desagradáveis que a criança esteja passando em seu contexto familiar ou escolar.

A relação inicial que se dá entre as crianças e as histórias infantis não ocorre no ambiente escolar. É no núcleo familiar que elas entram em contato com esse universo fantasioso e lúdico. Isso se dá, em princípio de forma oral e não escrita. Segundo Santos; Oliveira (apud ABRAMOVICH, 1993, p. 16) “O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais com personagens).”

Já nas escolas, há uma passagem gradual dos textos orais para os textos escritos. Nesse contexto, surgem os cantinhos da leitura, ou seja, o que antes era apenas ouvido passa a ser vivido pela criança. Nesses espaços, a criança entra em contato com a materialização daqueles textos orais e é incentivada a ler e assenhorar-se das histórias lidas, transformá-las, adaptá-las e (re) significá-las. Tudo isso contribui muito para a formação de vários aspectos psicológicos dessa criança.

A vida da criança é um ciclo de experimentos e de aprendizagem adquiridos por ela mesma em relação a tudo que está à sua volta. O cantinho da leitura aproxima a criança do universo da leitura e o faz de uma forma instigante. Inicialmente, o espaço desperta encantamento nos pequenos leitores. Isso acontece em razão de alguns elementos como :a decoração, a forma como os livros estão expostos e, principalmente, pela autonomia que essas crianças têm para escolher o que ler e quando têm vontade.

A leitura realizada nesse espaço lúdico, diferentemente daquela “da escola” ou para a nota da escola, mostra-se mais leve, atrativa e divertida e, com isso, contribui para a formação pessoal desses alunos. Pensando que o principal objetivo do letramento é alfabetizar para vida, a leitura deve ter significado para uma criança e, para isso, esse aprendiz precisa se sentir parte do ensino, propiciando um aprendizado significativo para sua vida.

Nos anos iniciais, os professores geralmente iniciam o processo de leitura por meio de métodos diversos, sendo que os mais comuns são o silábico e o sintético. Contudo, tais metodologias acabam consolidando a prática ou o entendimento da leitura enquanto processo de decodificação, uma vez que os textos utilizados são compreendidos, por esse viés, como apenas repositório de palavras e são explorados a partir de questões que envolvam a correta grafia (ortografia) ou instrumentos para se destacar os sons das sílabas que compõem determinado termo.

Quando o professor faz uso, em sala de aula, de didáticas diferentes como a construção de um espaço para a leitura, seus alunos reagem positivamente. No que diz respeito em particular à leitura, observa-se que os discentes demonstram maior interesse pela leitura. Com isso, notam-se melhores resultados tanto em relação ao trabalho docente quanto ao aproveitamento discente. Nessa realidade, os estudantes terão acesso à experiências concretas de leitura e não a atividades cansativas. Conforme Ferrarezi Júnior; Carvalho (2017),

suas experiências deveriam ser concretas, existenciais e primordialmente estéticas, a escola tenta impor às crianças uma espécie de racionalização enfadonha que acaba carregando consigo, de roldão, o ato de ler. A oportunidade passa, a fase passa, e aquilo que teria sido simples e tão fácil na infância, se tornará muito mais difícil de desenvolver na adolescência ou mesmo na vida adulta. (p.33)

Como se percebe, a escola deve ser vista como um local em que a criança possa socializar experiências já adquiridas e construir novos conhecimentos que tenham real valor em seu cotidiano. A leitura, nesse conceito, deve estar associada o máximo possível com a realidade do estudante. Ela não pode ser vista unicamente como atividade conteudística. Pelo contrário, graças a sua especificidade, deve ser compreendida como elemento formador capaz de servir tanto para o momento lúdico quanto para a apreensão de conteúdos e informações vitais para a formação cidadã.

No que concerne ao papel formador da literatura infantil e sua contribuição para a formação psicológica das crianças, utilizando-se de seu estudo sobre os contos de fadas, Bettelheim (2013) afirma que

É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela seria incapaz de descobrir por si só de modo tão verdadeiro. Mais importante ainda: sua forma e estrutura sugerem à criança imagens com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (p. 14)

A leitura deve provocar o prazer nos educandos nos anos iniciais. O “cantinho da leitura” traz essa proposta para a sala de aula. Constituindo-se em um espaço que prepara a criança para a leitura. Nesse local, primeiro ela se encanta com os objetos, com a disposição dos livros, imagens, etc. Em seguida, a criança começa a se sentir parte daquele espaço, ganhando autonomia para escolher seu livro para manusear e ler e, para finalizar, ela inicia um processo de leitor ativo passando a sentir vontade de ler como prática diária.

Muitos educadores têm deixado de criar ambientes facilitadores da leitura, seja na sala ou em outros ambientes como a biblioteca, por acreditarem que tecnologias como jogos eletrônicos, vídeos e outros atrativos virtuais são mais atrativos e interessantes para os alunos que os livros. Contudo, não é o que se verifica em atividades que colocam as crianças em contato com livros de histórias infantis.

O contato com o livro já nos anos iniciais é muito importante e ainda que a tecnologia realmente desperte a curiosidade e atraia cada vez mais o público infantil, é válido observar que ela exerce, na maioria das vezes, de entretenimento puro. Ao contrário, os livros literários infantis, a exemplo dos livros de contos de fadas, contribuem para que esse público consiga lidar com situações que envolvam emoções como: medo, alegria, decepções. A partir dessa observação, podemos perceber que a tecnologia, utilizada sem o devido preparo, tem desfavorecido o processo de desenvolvimento e gerado outros problemas como déficit de atenção, transtornos de ansiedade, dificuldades de relacionamento, entre outras.

O cantinho da leitura cria um espaço para a leitura “na escola” diferente de leitura “da escola” a primeira acontece de maneira prazerosa e fantasiosa o que a distância da segunda por ser tratar de atividades enfadonhas, repetitivas e em alguns momentos até punitivas. A leitura prazerosa deve estar disponível para as crianças no momento em que elas sentirem vontade de ler e, para isso, a escola tem que ter em seu plano de ações promover essa

interação do aluno com o livro por meio de didática estimuladoras e diferenciadas assim aproximando a criança da literatura.

O trabalho com a leitura na escola deve abranger desde atividades como a localização de informações explícitas em um texto, passando pela identificação do tema, até atividades inferenciais globais ou de sentido de palavras e expressões no contexto em que estão. (FERRAREZI JÚNIOR; CARVALHO, 2017 p. 101)

A capacidade de imaginar, fantasiar é um privilégio do universo infantil o diferindo do adulto, a criança tem a sensibilidade de perceber a magia da literatura infantil e assim compreendê-la. A sala de aula deve ser um ambiente motivador para práticas de leitura e, quando abordamos a importância de espaços como o cantinho da leitura, queremos levantar a questão do papel da escola e dos professores na formação de leitores nos anos iniciais. É preciso perceber que a criança deve construir seus conhecimentos dentro do universo infantil levando em consideração a fantasia como um elemento capaz de promover a interação com a leitura.

O cantinho da leitura coloca à disposição das crianças livros literários com conteúdo que facilitam a sua compreensão individual de diferentes assuntos. Desse modo, elas reforçam a fantasia e o colorido desse universo. Com isso, desperta-se o interesse das crianças para a leitura, mesmo que a obra literária apresente suas características próprias e marcantes como a imaginação e a ficção, ela não deixa de ficcionalizar fatos reais do cotidiano. Assim, a literatura infantil leva a criança a “mergulhar no texto”, criando a capacidade de relacionar o imaginário com o real e provocando, nos pequenos leitores, sensações de prazer e aprendizado simultaneamente.

A obra literária recorta o real, sintetiza e o interpreta através da vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta através do fictício e da fantasia um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. (CADEMARTORI, 1987, p. 22-23)

Podemos perceber que a leitura não é apenas um passa tempo. Ela desempenha também o papel de preparar a criança para a vida adulta. Por isso, precisamos valorizá-la de maneira que seja algo natural no cotidiano da vida de uma criança. Para que isso aconteça é preciso desenvolver ações voltadas para que tal prática de fato ocorra. É preciso ainda introduzi-la por meio de momentos envolventes, em espaços como os “cantinhos da leitura”.



Incentivar a criação de projetos como o “cantinho da leitura” tem como foco o incentivo à leitura nos anos iniciais. Em Goiás, tal projeto buscou atender o máximo de crianças possível e estar presente em todas as unidades escolares da rede estadual. Talvez por não ter promovido outras ações de apoio a esse projeto, como, por exemplo a capacitação continuada de docentes no que concerne à formação leitora e ao ensino da leitura, o projeto não se desenvolveu como deveria. Em muitas unidades ele deixou de existir por falta de práticas adequadas ao uso do livro literário em sala de aula. Muitos professores não conseguiram perceber a riqueza desse projeto em suas salas de aula e, dessa forma, não conseguiram promover a interação necessária entre crianças e a leitura literária.

A leitura, com certeza, prepara a criança, mas, é preciso refletir melhor sobre o tipo de leitura que pretendemos oferecer a esse público. Afinal, a leitura deve simbolizar um momento lúdico, rico, prazeroso e estimulante de busca de conhecimentos e de aprendizagem de aspectos da linguagem escrita, do idioma materno. Ela não pode, como tem ocorrido, transformar-se em atividade cansativa, esvaziada de significado real para os aprendizes, muito menos ser utilizada como instrumento para manter a disciplina e o silêncio em sala de aula ou, pior ainda, como meio punitivo, atividade enfadonha e que não traz benefícios para os alunos. Tal abordagem sobre o ensino da leitura ou as práticas de leitura apenas será possível caso haja ambiente apropriado e formação docente pertinente. Caso contrário, o analfabetismo funcional e o não hábito da leitura continuarão preocupando estudiosos do assunto e prejudicando vidas daqueles que foram excluídos deliberadamente do processo de aprendizagem e que pagarão um preço alto diante da sociedade em que vivem. Para esses sujeitos não letrados, a linguagem continuará sendo algo alheio e a autonomia, que a Educação tem por fim oferecer aos alunos, continuará sendo apenas um ideal, longe de tornar-se uma realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa, pudemos constatar a importância e a seriedade de se discutir a formação leitora nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao longo desses meses de leituras e reflexões sobre o assunto, ficou mais evidente ainda a necessidade de se compreender e valorizar o papel da leitura em nosso cotidiano, em diferentes formas e categorias contribuindo, dessa forma, para a formação integral de nossas crianças.

Conforme evidenciamos no primeiro capítulo, a leitura não pode ser compreendida como simples processo de decodificação de palavras. Além disso, ela deve ser compreendida como a capacidade de fazer inferências em relação ao meio em que se vive. Portanto, não se limita a palavras ou símbolos. Ela também abarca gestos, expressões faciais, corporais, tons de voz e vários outros sinais humanos ou não que nos cercam em nosso dia a dia. Diante desse conceito mais amplo do que seja a leitura, destacamos a importância de um ensino voltado à autonomia discente. Nele, os aprendizes devem ser estimulados a interagir com os mais diversificados gêneros e tipos textuais. Para que isso ocorra, é fundamental que haja um processo didático-pedagógico de facilitação da leitura. Essa facilitação deve ser o mais natural e agradável possível, de preferência sustentada pelo aspecto lúdico.

No segundo capítulo, analisamos diretrizes oficiais para esse ensino de leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tal análise nos propiciou a visão de que é necessário mudar a forma com que se trabalham atividades de leitura nas salas de aula. Ainda que apresentem abordagens diferentes, convergem para ações de promoção da leitura, considerando sempre os estágios de desenvolvimento cognitivo das crianças e a necessidade de despertar o interesse pela leitura. Trazem ainda, várias sugestões de práticas pedagógicas capazes de estimular o hábito da leitura.

No terceiro capítulo, explicitamos a relação entre o fracasso de formação de hábito de leitura nas crianças e a capacitação deficitária dos professores. Além disso, destacamos a impossibilidade de um professor formar leitores quando esse profissional não possui, por sua vez, o hábito da leitura. Além disso, verificamos que o papel do professor é fundamental para a formação leitora de seus alunos. Ele deve ser um promotor de atividades lúdicas em que os discentes são colocados em contato frequente com histórias infantis e deve comportar-se como mediador em tais atividades. Para isso, deve adotar uma postura não

impositiva e, principalmente, jamais utilizar a leitura como instrumento avaliativo e punitivo em sala de aula.

No último capítulo, examinamos “o cantinho da leitura”, uma iniciativa de sucesso para a promoção da leitura nas salas de aula. Esse espaço aconchegante e de acesso contínuo aos livros contribui sobremaneira para a formação de pequenos leitores, uma vez que proporciona oportunidade de contato com textos sem que isso se torne algo obrigatório e, portanto, atrai a curiosidade infantil, despertando o desejo de ler ou de manusear tais objetos nesse ambiente tão prazeroso e diferente daquele comum das salas de aula. Nesse local, a criança faz “leituras na escola”, mas que se diferenciam muito das “leituras da escola”. Assim, evidenciou-se a importância da criação e utilização correta desses espaços nas salas de aula para a formação de leitores em nosso país.

Com essa pesquisa, enfatizamos a necessidade do reconhecimento da importância de se promover o contato das crianças com a Literatura Infantil dentro das salas de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como sabemos, a correta seleção e utilização desses textos é fundamental para o desenvolvimento da alfabetização e do letramento de nossas crianças. Graças a sua capacidade única de estimular a fantasia infantil, esse gênero literário exerce forte poder de atração e oferece rico material para a formação integral de nossos alunos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- BETTHELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 28. reimp. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- BORTONI-RICARDO, Stela Maris et al. (Org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012. (Estratégias de ensino, 30).
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (1ª a 4ª série do ensino fundamental)**. v. 2. Brasília: MEC, 1997.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Ministério da Cultura. **Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL**. Brasília, DF, 2014.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa. **A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2015. 112 p.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CLARET, Fabiane Guilherme Rosa. **A importância da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental I**. 2013. Monografia (Especialização em educação: métodos e técnicas de ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em [http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4465/1/MD\\_EDUMTE\\_2014\\_2\\_105.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4465/1/MD_EDUMTE_2014_2_105.pdf). Acesso em: 21 ago 2017.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- DINIZ, Maria Gorete Gomes. **O papel do professor na leitura e na escrita na alfabetização: 3º ano do Ensino Fundamental**. 2014. Monografia (Especialização em fundamentos da educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5918/1/PDF%20-%20Maria%20Goret%20Diniz%20Gomes.pdf>. Acesso em: 13 out 2017.
- FERRAREZI JÚNIOR, Celso; CARVALHO, Robson S. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na Educação Básica**. São Paulo: Parábola, 2017. (Estratégias de ensino, 56).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOULART, Natália. Hábito de leitura cai no Brasil, revela pesquisa. **Veja.com**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/habito-de-leitura-no-brasil-cai-ate-entre-criancas/>. Acesso em: 08 dez 2016.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

LEFFA, Vilson. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: SC Luzzatto, 1996.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Primeiros Passos, 74).

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SCHUTZ, Marta Dinarte; DELLA MÉA, Célia Helena de Pelegrini; GONÇALVES, Luana Iensen. Concepções de leitura: reflexões sobre a formação do leitor. **Disc Scientia**. S. Maria (RS), v. 10, n. 1, 2009, p. 55-76, Série: Artes, Letras e Comunicação. Disponível em: <https://www.periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumALC/article/viewFile/738/685>. Acesso em: 05 jul 2017.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da Literatura Infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD**. Marília, n, 2, v.2, jul/dez 2009. Disponível em: <http://revista.univem.edu.br/index.php/REGRAD/article/viewFile/234/239> Acesso em: 12 fev 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014.